

II

Durante a 19ª Conferência Geral, em Nairóbi, a delegação do meu país exprimiu claramente que, em sua opinião, a questão da comunicação ^{social} (ou dos "mass media") não poderia ser encarada pela UNESCO apenas com base em princípios conhecidos e adquiridos, mas que se tratava dum novo poder e que, como tal, a comunicação deveria ser estudada em toda a sua complexidade. É com agrado que verificamos que a criação da Comissão McBride e o seu relatório ^{preliminar} ~~provisório~~ vêm confirmar a nossa convicção.

Temos diante de nós um relatório duma qualidade excepcional. Ele apresenta todo o leque dos problemas da comunicação, cuja complexidade é bem evidente. Só por este facto merece todo o nosso apoio, já que escamotear os verdadeiros problemas se tornou, na nossa época, prática corrente. *Não ignoramos q ha no relatório certas repetições no plano da análise da situação actual mas reconhecemos q e' demastado cedo para se obter uma síntese satisfatória. q ⊗*

1. O que está em jogo numa nova ordem internacional da informação

O relatório termina pela afirmação das condições necessárias à instauração duma "nova ordem internacional da informação".

Ora, é bem evidente que esta nova ordem deve conduzir a uma melhor distribuição dos meios e dos canais da informação.

A denúncia do
O "colonialismo" da informação, o desequilíbrio gritante das



⊗ O meu país está muito interessado⁸
por este relatório. Tendo sido enviado
pela delegação de Portugal aos grupos so-
cio-profissionais ligados à informação
bem como aos serviços privados e
departamentos de Estado ~~que~~ dizem
+ directamente respeito, esperamos
contribuir, com as respostas dessas
entidades, para os trabalhos da
Comissão na medida das nossas
capacidades e experiências e no
prazo previsto.

Fundação Cuidar o Futuro



possibilidades em matéria de comunicação, a dependência da maioria dos países em relação ^{as redes} aos canais de informação de que um pequeno grupo de nações é o único detentor - eis aspectos muitas vezes sublinhados e que, quanto a nós, justificariam, por si só, uma nova ordem internacional da informação.

Seria manifestamente insuficiente reduzir esta nova ordem a um simples reajustamento quantitativo que equilibrasse o fluxo da informação entre o Norte e o Sul.

Trata-se também de outra coisa. E o relatório afirma-o sem equívoco: "Os media de hoje formulam programas mentais." Quer isto dizer que veiculam modelos de sociedade, estilos de vida, valores e comportamentos. Quer isto dizer que se impõem à identidade cultural pré-existente, seja por um afrontamento radical, seja por uma erosão dos seus fundamentos psico-sociológicos.

Fundação Cuidar o Futuro

A sociedade é, deste modo, modelada por elementos que lhe são essencialmente estranhos. A sua capacidade de desenvolvimento endógeno é posta radicalmente em questão por aqueles que deveriam ser os seus primeiros artesãos. Fica assim ameaçado o seu papel na interacção das culturas, ou reduzido apenas a algumas expressões superficiais e folclóricas. ~~Num instante~~ Fica assim anulado ~~se anula~~ o processo interno que conduz a um projecto sócio-cultural original, bem como as relações internacionais baseadas numa posição de igualdade no que se refere à autonomia cultural.

É a este nível que se situa para nós a nova ordem internacional da informação. Consideramo-la essencial para que as sociedades - estas sociedades alienadas que tanto pertencem ao hemisfério norte como ao hemisfério sul - se tornem de novo



capazes de se criarem a si mesmas, de enfrentarem a sua evolução histórica e de traçarem um destino mobilizador de homens e mulheres e integrador de todos os esforços despendidos.

2. A comunicação^{social} como poder

O relatório põe em evidência os princípios fundamentais adquiridos e as orientações operacionais que poderiam ser seguidos para a criação duma nova ordem internacional da informação. Trata-se dum conteúdo simultaneamente conceptual e prático desta nova ordem.

Parece-nos, no entanto, que o documento abre perspectivas que vão mais longe, principalmente na medida em que se apresenta, sem equívoco, a necessidade dum reequilíbrio tanto intra-nacional como internacional e se afirma que todos os parâmetros da comunicação "são escolhas de sociedade".

Embora o paralelo com a nova ordem económica internacional se justifique, afigura-se-nos limitativo levar demasiado longe um tal paralelismo.

O facto económico é portador de teorias elaboradas e de duzentos anos de industrialismo. (Digo "industrialismo" e não industrialização, porque me refiro aqui à ideologia subjacente ao processo de industrialização, seja qual for o regime político em que se insere.) Reabsorver os seus excessos ou as suas deformações é uma tarefa indispensável, mas a prática dos quatro anos decorridos desde a Assembleia Geral da ONU, em 1974, mostra bem os obstáculos, as falsificações e os desvios tecnocráticos. *dessa nova ordem económica.*

Fundação Cuidar o Futuro



Pelo contrário, a comunicação, ^{social} nas expressões tornadas possíveis pelo industrialismo, é ^{ainda} ~~por agora~~ bastante independente ^{de} das teorias que a ^{nos qm} constituem desde já em facto autónomo e regulador da vida social, mesmo ^{se} que, na prática, ^{parece} desempenhar ^{já} esse papel.

Ora, é no espaço entre uma prática transbordante de fenómenos e de acontecimentos e uma teoria ^{apenas} vagamente esboçada, que vemos inscreverem-se os trabalhos da Comissão McBride, ^{Delas de} e que a ^{de} ~~UNESCO~~ parece caminhar no sentido duma nova teoria da comunicação ^{social} como eixo do desenvolvimento duma sociedade. É a esta luz que vemos o elo entre comunicação e cultura. Na dimensão que lhe é dada no relatório, a comunicação ^{social} seria, por assim dizer, "a respiração da cultura", seu próprio ^{movimento.} ~~feudo dependente.~~

Porque semelhante elo nos parece fundamental, insistimos em sublinhar o papel da comunicação ^{social} na vida cultural, tal como é indicado no documento: "Normalmente, os meios de comunicação ^{social} reforçam a identidade cultural dos povos e das comunidades, em especial: se se considera a identidade cultural (...) como uma vontade de participação e de partilha, entendendo-se que isso pressupõe a partilha de qualquer coisa de único, de autêntico (...); se se entende a comunicação ^{social} no seu sentido etimológico de partilha, de troca, de pôr em comum; se se tem da cultura uma concepção muito lata (...) que englobe a educação, a arte, a ciência, a compreensão total do mundo e da vida."

Não podemos senão apoiar estas afirmações que nos surgem como o quadro conceptual correspondente às realidades em acção em todas as sociedades e, por isso mesmo, capaz de nos conduzir a uma nova ordem internacional da informação.



A minha delegação dizia em Nairóbi que não se podia abordar a questão dos mass media (ou da comunicação) ^{social} partindo apenas de intenções e votos moralizantes. O relatório McBride vem confirmar este ponto de vista, quando faz uma afirmação ^a ~~de~~ ^{que damos} grande significado: "A comunicação ^{social} ~~é um problema~~ ^{apresenta-se como problemática}, em primeiro lugar porque está em atraso nos seus princípios, nos seus parâmetros e no seu desenvolvimento, em relação às mudanças que se verificam e às aspirações que se manifestam na vida política e sócio-económica de numerosos países, bem como à escala internacional." A questão ^{está em} ~~é a de~~ saber se o atraso indicado constitui um handicap que é preciso vencer apenas por arranjos sucessivos ou se o desajustamento verificado não permitirá transformar em trunfo tal atraso.

Com efeito, a comunicação ^{social} encontra-se numa encruzilhada decisiva. Se, como se lê no relatório, "a comunicação ^{social} é co-extensiva a toda a sociedade e está presente em cada elemento do sistema social", há motivo para pensar que o poder que ela representa deverá articular-se com todos os outros poderes que actuem na sociedade. Deste modo, a questão do equilíbrio entre os diferentes actores da comunicação ^{social} não poderá ser examinada somente à luz do liberalismo clássico.

Se a afirmação do direito à comunicação e à livre expressão continua a ser um ideal democrático a atingir, ela deverá ser completada pela afirmação dum princípio de justiça capaz de remediar uma situação em que apenas uma minoria tem o poder de "informar, emitir e se exprimir", enquanto a maioria permanece "receptor passivo".

Fundação Cuidar o Futuro



3. Informação, desenvolvimento, participação

Mas qual é, pois, o significado desta nova concepção de comunicação?^{social}

O relatório abre novas perspectivas. Debruçar-me-ei apenas sobre os pontos formulados de forma interrogativa. Trata-se de questões fundamentais para o meu país, sobre as quais gostaríamos que a comissão reflectisse mais longamente.

1. Primeiro ponto: "Que tipos de práticas e de estruturas em matéria de comunicação serão necessários para incitar os povos a participar de forma real e activa na construção do seu próprio desenvolvimento?" E o relatório acrescenta: "Qual o sentido duma 'outra informação' para um 'outro desenvolvimento'?"

Fundação Cuidar o Futuro

Para nós, esta questão é fundamental. Põe ao mesmo tempo e no mesmo movimento a questão da informação e a do desenvolvimento. ^{E que} Tudo se relaciona.

Desnecessário será dizer que nos situamos numa interpretação do desenvolvimento que ultrapassa o desenvolvimento exclusivamente económico. Ele é para nós "a capacidade que tem uma determinada sociedade de enfrentar, de maneira dinâmica, a sua própria evolução histórica".

Um tal processo é intrinsecamente um processo de comunicação, de partilha, de escuta, de expressão das aspirações e de construção comum através de todos os canais possíveis, de interacção entre as pessoas, os grupos, as comunidades de interesses, os poderes públicos. Um tal processo é também um



processo planetário. Ele empenha, ao mesmo tempo, todos os parceiros possíveis. O isolamento duma sociedade ^{puderse ser} que ~~observariamos~~ do exterior está assim excluído. Mesmo sem o sabermos, é a toda a humanidade que diz respeito o processo de desenvolvimento em curso numa qualquer região do planeta.

A informação é co-extensiva a todo este processo (no espaço e no tempo): as práticas da comunicação ^{social} que a reduzissem ou a mantivessem num escoamento condicionado de notícias e de sinais numa só direcção negariam à partida a solidariedade fundamental entre os povos.

2. A segunda questão encontra-se formulada ^{no relatório} duas vezes, embora de modo levemente diferente. Refere-se à relação entre, ^{dum lado,} a actividade dos profissionais da comunicação ^{social,} e, ^{do outro,} as condições de participação de todos os cidadãos nessa mesma comunicação. Parece-me ^{em} que este ponto é um ponto-chave de todo o processo de democratização.

Baseados na nossa experiência, consideramos que a participação de todos só é possível na medida em que exista uma classe profissional que, ^{neste domínio como em qualquer outro,} ~~aqui ou em qualquer lado,~~ ^{no seu conjunto} esteja ao serviço do povo, da sociedade e não de grupos privilegiados. De igual modo, esta classe profissional só poderá ^{ter consistência} ~~existir desde~~ ^{se} ~~que~~ funcione como caixa de ressonância das microrrealidades que atravessam o corpo social e como mecanismo de retroacção em relação a qualquer mal-estar ou aspiração do tecido social.

Entre a profissionalização e a participação, há aqui, talvez mais do que noutros campos, uma tensão dialéctica, que só poderá ser resolvida na referência contínua à sociedade no seu conjunto. (Notemos, a título de exemplo, o aspecto quase



exótico, porque excepcional, de fazer perguntas às pessoas que passam na rua... Mas em quem estamos nós interessados? Quem comunica com quem? Na medida em que ficar confinada ao Estado, ou à classe dirigente, seja ela económica ou política, a comunicação ^{social} interrompe a participação e contribui para a desintegração do corpo social.)

Ao levantar questões essenciais, o relatório ^{preliminar} ~~provisório~~ não cumpre apenas uma grande parte da tarefa que lhe havia sido atribuída. Ao dar corpo e substância a uma nova ordem internacional da informação, ele reforça a identidade da UNESCO, torna urgentes os seus objectivos e repõe a Organização numa das suas dimensões fundamentais - um cadinho de culturas onde o pensamento de todos os homens e de todas as mulheres se funde para rasgar novos horizontes no mundo de amanhã.

Deste modo, a ^{convivência} ~~convivialidade~~ entre os povos poderá tornar-se gradualmente, pela comunicação, uma comunhão de cada um no todo, de todos uns nos outros.

